



PARÓQUIA CACIA

DIRECTOR, EDITOR,
PROPRIETÁRIO E
ADMINISTRADOR

Pároco de Cacia

Redacção e Administração
Paróquia de Cacia

Composto e Impresso na
Gráfica do Vouga — Rua
do Batalhão de Caçadores
dez, 81 — AVEIRO

Publicação Mensal

D. ANTÓNIO DOS SANTOS

Bispo Titular de Tabora e Auxiliar de Aveiro

D. António dos Santos, agora nomeado Bispo Auxiliar de Aveiro, filho de Daniel dos Santos e de D. Maria de Jesus — felizmente ainda vivos — nasceu a 14 de Abril de 1932 no lugar de Quintã, ao tempo pertencente à freguesia de Vagos e hoje à de Santo António, no mesmo arcebisado.

Após a instrução primária, ingressou no Seminário de Santa Joana Princesa, de Aveiro, em Outubro de 1944 e em 1952 iniciou os estudos teológicos no Seminário dos Olivais, do Patriarcado de Lisboa.

Foi ordenado de Presbítero no dia 1 de Julho de 1956 por D. João Evangelista de Lima Vidal, na igreja paroquial de Albergaria-a-Velha.

Depois de decorridos alguns

meses o mesmo Prelado designou-o para coadjutor de Ilhavo, colaborando no trabalho pastoral com D. Júlio Tavares Rebimbas, então pároco desta populosa vila. Mais tarde, em Setembro de 1961, D. Domingos da Apresentação Fernandes, sucessor do Arcebispo Lima Vidal na Sé de Aveiro, escolheu-o para coadjutor da paróquia da Branca, cuja paróquialidade estava ao cuidado pastoral do Padre Manuel Valente dos Santos Conde.

Pouco tempo se demorou nestas funções. A 31 de Dezembro de 1963 o actual Bispo de Aveiro, D. Manuel de Almeida Trindade nomeou-o pároco de Oitã, onde mais uma vez se notou o seu zelo dedicado e a sua prudência de pastor de almas. Em 1967 foi transferido para a paróquia de Ilhavo, por onde começara a sua vida sacerdotal. Em Setembro do mesmo

ano assumiu também as funções de Ancipreste.

Em Maio de 1975 houve necessidade de prover à designação de novo Vigário Geral, em virtude de Mons. Aníbal Ramos, que exercia esse múnus desde 1966, ter sido nomeado, pela Conferência Episcopal, Director do Secretariado Nacional de Liturgia. O Prelado da Diocese procedeu então a uma ampla consulta aos Sacerdotes, solicitando a sua ajuda, mediante voto secreto indicativo, na escolha do novo Vigário Geral. Esta recaiu no Padre António dos Santos, que tomou posse das suas funções no dia 25 de Junho.

Continuou entretanto à frente da paróquia de Ilhavo, cuja igreja matriz vinha sendo objecto de profundas obras de remodelação. O grandioso templo foi de novo aberto ao culto, com grande concorrência e aprazimento do povo de Ilhavo, no dia 23 de Novembro, festa litúrgica de Cristo-Rei.

O Padre António dos Santos, que sempre mostrou inclinação para os estudos de carácter pastoral, tomou parte, no verão de 1965, no curso do Movimento Mundial Melhor, no Centro Internacional de Rocca di Papa (Roma).

Desde a criação do Secretariado Diocesano de Pastoral faz parte do mesmo.

A notícia que nos chega agora da elevação ao Episcopado de D. António dos Santos, se por um lado nos dá alegria os católicos de Aveiro, dá-nos por outro

lado a certeza de que junto do nosso Bispo haverá um activo, prudente e experimentado colaborador na ordem episcopal, atento ao serviço pastoral desta Diocese da Beira-Ria.

* * *

«A VOZ DA PARÓQUIA» saudando o sr. D. António dos Santos, faz votos de fecundo apostolado episcopal, para bem de todo o Povo de Deus nas terras da nossa Terra Aveirense.

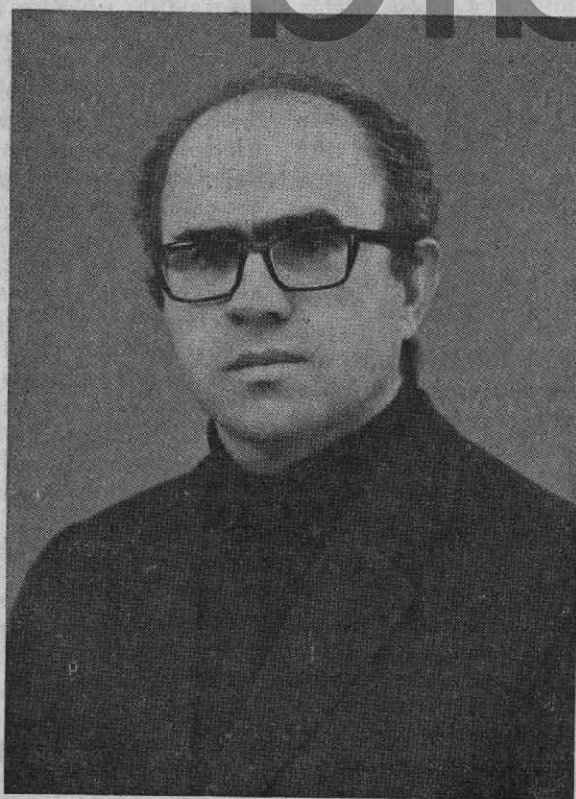
Rádio Renascença é da Igreja

— reconhece o Conselho de Ministros

O Conselho de Ministros nacionalizou todas as emissoras portuguesas, excepto a Rádio Renascença pelos vínculos emergentes da Concordata entre Portugal e o Estado do Vaticano.

O VI Governo reconhece, assim, que a Rádio Renascença é propriedade legítima da Igreja, ao serviço da qual deve ser colocada — o que se espera aconteça muito proximamente, como é de inteira justiça.

A Rádio Renascença começou a funcionar no seu posto de Lisboa. Nós católicos estamos alegres porque a justiça veio ao de cima.



Voz da Paróquia, nesta quadra de festas de Natal e Ano-Novo vem desejar a todos os leitores e amigos, os maiores êxitos na vida de justiça, de paz e de amizades fraternas.

O nosso Cortejo de Pastorinhas

Já é costume. O cortejo de pastorinhas vai uma vez mais para a rua, no dia 11 de Janeiro. Será mais uma jornada de entusiasmo e alegria, tanto mais que algumas surpresas estão a reservar-se para quem se apresentar mais bem vestido, segundo os usos antigos. Que ninguém falte. Os tradicionais «Reis» percorrerão os lugares da freguesia anunciando a procura de um menino que nasceu para todos os homens a quem quer ver unidos no amor e na compreensão.

Notícias para todos nós

Batismos

OUTUBRO

Dia 12 — CARLOS MANUEL, filho de José Ferreira Dias e de Mária Fernandes da Silva, do Cabeço.

— NUNO MIGUEL, filho de Fernando Gomes de Oliveira e de Maria Fernanda Coutinho Pereira de Oliveira, da Quintã do Loureiro.

— JOÃO FERNANDO, filho de Fernando Tavares Rosa e de Maria da Conceição Dias Tavares Rosa, do Paço.

Dia 26 — AGOSTINHO JOSÉ, filho de António Teixeira e de Rita Maria Ferreira Amaro Teixeira, de Cacia.

— JOÃO MANUEL, filho de João Maria Figueiredo e de Ermelinda Marques da Fonseca, do Paço.

— DANIEL RICARDO, filho de Manuel Rodrigues da Silva e de Belmira Silva Azevedo, de Sarrazola.

— PEDRO MANUEL, filho de Maria Vitória da Rocha Ferreira, da Quintã do Loureiro.

— ANA FILIPA, filha de António Dias dos Santos Bodas e de Maria Emília Monteiro Loureiro Bodas, de Sarrazola.

— CARLA PATRÍCIA, filha de José Loureiro, de Sarrazola.

NOVEMBRO

Dia 9 — ANA PAULA, filha de Constantino Manuel da Costa e Silva e de Rosa Maria Oliveira Pereira e Silva, da Póvoa do Paço.

Dia 15 — PAULO MIGUEL, filho de Manuel Sousa da Cunha e de Orquídea Maria de Vasconcelos Rebelo Cunha, de Cacia.

Dia 23 — PAULO ALEXANDRE, filho de Alexandre Ribeiro de Barros e de Maria Augusta Barbosa dos Santos Barros, da Póvoa do Paço.

— MARCO ANTÓNIO, filho de António Luís de Sousa Ferreira e de Isabel Maria Cerqueira Perpétua, da Quintã do Loureiro.

— PAULA CRISTINA, filha de Francisco António Lopes e de Maria Alice da Silva Lopes, de Sarrazola.

— MARIA CRISTINA, filha de Joaquim Augusto Nogueira e de Margarida da Conceição Costa Gouveia, da Quintã do Loureiro.

Dia 30 — VITÓRIA MARIA, filha de António Augusto Rodrigues Nogueira e de Maria Amélia Ferreira Lopes dos Santos Nogueira, de Vilarinho.

Casamentos

OUTUBRO

Dia 4 — Manuel de Jesus Tavares Pereira, de 24 anos, de Cacia, com Maria Cândida Rodrigues da Silva, de 20 anos, do Cabeço.

Dia 5 — João Pereira de Aguiar, de 27 anos, com Maria de Fátima Duarte Fernandes, de 23 anos, da Quintã do Loureiro.

Dia 19 — José Manuel de Queirós Pinheiro, de 23 anos, com Maria Isaura da Silva Almeida, de 16 anos, da Quintã do Loureiro.

— José Ferreira Cardoso, de 23 anos, da Quintã do Simão, com Evangelina de Lurdes Alves Cardoso, de Cacia.

Dia 26 — António Teixeira Tavares, de 21 anos, de Torção do Lameiro, com Maria de Fátima Dias Lourenço, de Sarrazola.

NOVEMBRO

Dia 8 — Manuel Maria Marques de Oliveira, de 19 anos, de Sarrazola, com Maria de Fátima Valente dos Santos, de Vilarinho.

Dia 9 — Altino Dias Fernandes, de 26 anos, de Azeja, com Maria de Lurdes da Silva Nina, de 20 anos, de Cacia.

Dia 29 — António Maria Ferreira Martins, de 37 anos, de Sarrazola, com Maria Vitória Teixeira da Silva, de 31 anos, de Cacia.

Óbitos

OUTUBRO

Dia 10 — Ana Martins Simões, de 70 anos, viúva, de Cacia.

Dia 14 — José Maria Fernandes, de 65 anos, casado com Rosa Dias, de Sarrazola.

Dia 18 — Capitoline da Silva, de 85 anos, viúva, de Cacia.

Dia 20 — Amélia Rodrigues Ventura Teixeira, de 78 anos, viúva, de Cacia.

Dia 27 — António da Silva, de 68 anos, casado com Ascensão Nunes Ferreira, de Cacia.

Dia 30 — Manuel Rodrigues Barbosa, de 80 anos, viúvo, da Póvoa do Paço.

NOVEMBRO

Dia 6 — Maria Brites Nunes, de 74 anos, viúva, de Vilarinho.

— Conceição Simões Miranda, de 69 anos, viúva, de Sarrazola.

Dia 11 — Joana Afonso da Silva, de 84 anos, viúva, de Sarrazola.

Dia 19 — José Manuel Marques dos Santos, de 6 anos, de Cacia.

Dia 20 — Maria da Conceição Pereira dos Santos, de 61 anos, casada com Manuel Soares de Azevedo, de Sarrazola.

Dia 25 — Alfredo Ferreira de Oliveira, de 43 anos, casado com Maria Rosa Marques da Silva, de Sarrazola.

— Manuel Marques Teixeira da Costa, de 82 anos, viúvo, de Vilarinho.

Dia 27 — Sebastião Rodrigues Neto, de 66 anos, casado com Rosa Barbosa da Silva, da Póvoa do Paço.

Pequenas notícias

P.e Georgino

Depois de dois anos passados entre nós, o Rev. P.º Georgino irá agora, fixar-se em Aveiro, deixando a nossa Paróquia. Aqui se dedicou ao apostolado dos jovens, aos quais assistia em diversas zonas. Teve ao seu encargo a Capelania de Vilarinho, onde celebrava a Eucaristia e organizava a catequese às crianças.

Agora, encarregado de novas tarefas pastorais no sector do Apostolado Familiar, deixar-nos-á.

Cacia, não julgando os frutos do seu trabalho e da sua abnegação (isso a Deus pertence) fica-lhe grata e deseja sempre êxitos na sua vida apostólica.

As festas familiares

A Comissão de Moradores e um grupo de jovens levaram a efeito um espectáculo de variedades para as crianças diante das quais se exibiram antes do Natal.

No dia de Ano Novo voltaram ao palco para aliciar o público adulto. Foram horas bem passadas numa alegria sã e em ambiente familiar. Oxalá tais encontros produzam efeitos positivos.

A' volta dum cemitério

Nem sempre os mortos

estão descansados, sobretudo enquanto os vivos não se entenderem. Há já meia dúzia de anos que se arrasta este problema: os vivos não têm onde cair mortos. Para eles não há lugar no cemitério de Cacia. Já foi alvitado publicamente (erros também se podem cometer diante de todos...) que quem não fosse nascido de cá, deveria ser recambiado, em grande velocidade, para a sua terra de nascença, logo após a morte.

Bom, mas seja como for, se esperarmos pelas burocracias e, sobretudo, pela resolução das mentiras os mortos para futuro terão de ficar congelados em câmaras frigoríficas, ou serem cremados ou ainda vendidos em hasta pública.

Deus nos livre de morrerem, nesta terra de Cacia, onde não há solução de cemitério.

Bombeiros... presente!

Já vai sendo hábito o nosso Boletim dar contas de certas andanças dos Bombeiros da Celulose — dos nossos Bombeiros. O toque da sirene tem sido indistinto; tanto toca para ocorrências na empresa, como para sinistro na paróquia de Cacia. Por isso... os nossos Bombeiros.

CONT. NA TERCEIRA PAGINA

Menino Jesus ou Jesus Cristo?

«Maria deu à luz o seu filho primogénito e envolveu-o em panos e deitou-o numa mangedoura por não haver lugar para eles na estalagem».

«Eu vim para evangelizar os pobres, pregar a liberdade aos cativos, pôr em liberdade os oprimidos».

Estas duas frases, embora possam não ter qualquer ligação entre si, referem-se à mesma pessoa, representam dois momentos diferentes da vida dum homem: Jesus da Nazaré, chamado o Cristo, e também Messias e Filho de Deus.

Sendo Deus, Jesus fez-se homem a fim de cumprir os desígnios de salvação e redenção anunciados logo após o afastamento dos homens, após o seu corte de relações pelo pecado. O Filho de Deus encarna, faz-se homem como os demais da sua época, com os mesmos costumes da sua raça, falando a mesma língua... No seu aspecto nada o distinguia de qualquer outro galileu. Porém, este galileu chamado Jesus (nome então vulgar) anunciava um Reino diferente de qualquer outro construído por homens,

reino que já estava presente e que havia de vir, tendo o arrependimento e a conversão como condição de nele poder entrar.

A vida desse homem que arrastava multidões após si resume-se a pouco: nasceu no seio duma família pobre, teve uma vida apagada como tantos outros, trabalhando no ofício de carpinteiro, até que apareceu a pregar, acabando por ser morto como um insurreto, um revolucionário.

Dentro de dias, comemoraremos o nascimento desse homem que acreditamos ser Deus. Nessa altura, por acaso recordamos o Deus feito homem e que deve ser o centro da nossa vida? Não. Quase todos lembramos um quadro pleno de sentimentalismo, ternura e doçura: um estábulo frio, um casal, uma criança que dorme deitada na palha destinada ao alimento dos animais, uma vaca e um jumento. Ficamos-nos na contemplação do Menino-Jesus, esquecendo tantos outros «meninos-jesus» que vivem ao nosso lado e que nascem em idênticas condições.

Jesus já nasceu e há muito tempo, para estarmos ainda a debruçar-nos piamente na contemplação do quadro do seu nascimento, esquecendo a realidade em que estamos envolvidos. Temos, sim, de nos preocupar com o nascimento e vida de tantos homens com os quais Cristo se identificou (...foi o mim que o fizestes!...); devemos falar a sua «linguagem», sintónizar com eles, com seus problemas, preocupações e anseios, alegrias e tristezas, como bem o redescobriu o Concílio Vaticano II.

Desta forma preparemos o Natal, a última vinda de Cristo, em que nós também nasceremos para a vida de Deus.

Há que fazer uma opção lital que dê sentido à nossa vida de cristãos, de homens redimidos. Não poderá haver soluções de compromisso, não podemos correr o risco de nos enganarmos a nós próprios, mas tão somente fazer uma escolha radical de empenhamento. Por quem optamos: por um Menino Jesus, uma vez por ano, ou por Jesus Cristo, centro de cada momento da nossa vida?

FRANCLIM PACHECO

Apontamento

O homem da cadeira de rodas

Muito próximo da minha mesa, naquele «café» rumorejante de vozes, após a hora do almoço, deparei com um casal jovem — ela bonitinha, vestida com encantadora simplicidade, ele sentado na sua cadeira de rodas, trajando camisa desgolada, calças de cor clara.

Ela não desviava o olhar do seu companheiro de mesa (namorado ou marido?), enquanto este preenchia o seu boletim de apostas mútuas.

Depois do boletim preenchido, segundo o seu palpite, fez rodar a cadeira até junto do balcão, onde a empregada o registou.

Depois voltou para junto da sua companheira.

Esta disse-lhe qualquer coisa, que não consegui distinguir, tão velada era a sua voz; mas é de supor que fizera votos por que o preenchimento do boletim lhes viesse trazer um montante de harmonia com as suas ambições.

Fiquei-me a olhar aquele casal, como fíto qualquer casal em quem adivinho existir uma mútua afeição.

Com efeito, não há felicidade onde dois corações não palpitem em uníssono.

Bem sei que os tempos são refractários aos grandes amores.

E, porque penso à moda antiga, surpreende-me o facto de ver em plena cidade pares enleados, que não o fazem por amor, mas tão somente para se darem nas vistas, o que me eleva a pensar que os seus actos de posse não obedecem a outra coisa que não seja a satisfação dum desejo carnal.

Pois o casal, de quem falei no início desta crónica, incutiu-me a certeza de que algo de espiritual os unia um ao outro — tal o assomo de ternura de que a jovem deu sobejas provas.

Não exagero, acreditem.

A jovem, tomada a sua bebida, levantou-se e postou-se na parte trazeira da cadeira de rodas, que foi empurrando, vagarosamente, para a saída do «café», numa prova de carinho tocante.

Aquele paratítico era, não obstante a sua enfermidade, um homem feliz.

Gostaria que, como complemento da sua felicidade, o boletim, por ele preenchido, lhes levasse o almejado prémio...

José Geitoeira

(Diário de Coimbra, 1.º Nov.-75)

Pequenas Notícias

CONTINUAÇÃO DA SEGUNDA PÁG.

Uma vez mais os homens da mangueira se reuniram em confraternização amigável, nas suas instalações da Celulose.

É uma coisa de menor importância que até passou desapercebida (é costume, não é?) que admirar ao jornal a morte da Empresa.

Coisa de menor importância, não é? É que aquele punhado de homens são movidos não pelo vil metal sonante, mas por um amor forte, quem está em perigo. Amigo ou adversário tem sempre um lugar no interesse daqueles indivíduos prontos a defender vidas e haveres de outros.

Pois, reuniram-se, sentiram-se família, viram-se irmanados no mesmo trabalho e no mesmo ideal. Não foi a mesa que os convocou, mas o chamado Dia do Bombeiro. Ali estiveram. Conversaram, alegraram-se e disseram que continuam dispostos aos mais

duros sacrifícios que tal tarefa lhes acarreta.

Num mundo tão cheio de egoísmos, ainda os Bombeiros continuam a dizer a todos que é necessária a união, a colaboração mais que a força.

Bem hajam, amigos Bombeiros. Cacia sabe que vós existis e está convosco.

Definições

— O herói é aquele que se não deixa abater pela desventura nem diminuir pela dor nem intimidar pelas perseguições.

— O poeta é o inspirado e inspirante revelador da magnificência dos aspectos operantes do ser e o seu fim não é a maravilha mas a consolação e a reconciliação no êxtase.

— O santo é aquele que ama todos os homens em Deus e em cada homem vê o anjo chaguento mas curável.

PERSEGUIÇÃO RELIGIOSA EM MOÇAMBIQUE?

Algumas Notas

1. O *Jornal Novo* publicou na sua edição da tarde de 4 de Dezembro, um importante documento da FRELIMO sobre a prática da religião em Moçambique. Com base em fundamentos e técnicas análogas às adoptadas por diversos países de regime totalitário comunista, o partido único de Moçambique visa a atingir o povo daquela República com mais uma clamorosa violação da Declaração Universal dos Direitos do Homem: a da eliminação da liberdade religiosa.

2. Dirigindo os seus ataques virulentos contra a Igreja Católica, como seria de esperar de uma organização comunista com poder total, a FRELIMO prepara-se para perpetrar, através de um cuidadoso e maquiavélico plano, um crime contra a consciência da humanidade e contra a paz. A luta contra o colonialismo ou contra o neo-colonialismo não pode servir de pretexto para o ultrage aos direitos humanos. A FRELIMO não é digna das responsabilidades que mãos portuguesas lhe entregaram.

3. Deste modo, impõe-se a todo o POVO PORTUGUES, ao Conselho de Revolução e ao Governo uma importante reflexão. Poderá Portugal ser cúmplice da destruição da Igreja Católica em Moçambique? Poderá um Portugal Democrático assistir a mais uma inacreditável violação dos princípios democráticos em Moçambique? Até que ponto pode Portugal manter os seus compromissos para com a República de Moçambique se o Governo de Moçambique não deseja honrar um mínimo de respeito pelos direitos fundamentais da pessoa humana?

4. Os novos Estados de língua portuguesa deveriam poder contar com toda a ajuda e cooperação que de Portugal pudessem receber, na sua luta pela construção de Repúblicas liberais de toda a espécie de colonialismo, rumo ao desenvolvimento e à justiça. Oxalá Portugal possa encontrar-se em condições de, tão cedo quanto possível, garantir uma honesta cooperação com esses Estados. Mas para isso há mínimos de decência que as

A Constituição e a Liberdade Religiosa

A liberdade de consciência e de religião ficou assim consagrada na nova Constituição Portuguesa, que está a ser elaborada na Assembleia Constituinte, em Lisboa:

«Artigo 27.º — 1) A liberdade de consciência, religião e culto é inviolável, ninguém podendo por causa dela ser perseguido, privado de direitos ou isento de obrigações ou deveres cívicos.

— 2) As igrejas e comunidades religiosas estão separadas do Estado e são livres na sua organização e no exercício das suas funções de culto.

— 3) É garantida a liberdade de ensino de qualquer religião praticado no âmbito da respectiva confissão e a utilização de meios de comunicação social próprios para o prosseguimento das suas actividades.

— 4) É reconhecido o direito à objecção de consciência, ficando os objectores obrigados à prestação de serviço não armado com a duração idêntica à do serviço militar obrigatório.»

outras partes têm de respeitar. A consciência cristã da enorme maioria da população portuguesa não compreenderá que possamos contribuir para o fortalecimento de Governos que, de forma tão evidente, se propõem ultrajar essa mesma consciência.

5. Considera-se imperioso que o Povo Português seja informado sobre a atitude do Governo em face dos propósitos anti-religiosos da FRELIMO, e sobre se o Governo português encara a manutenção dos compromissos financeiros assumidos com o Governo moçambicano, designadamente no que respeita ao aproveitamento hidroeléctrico de Cabora-Bassa. O Povo Português deve ser imediatamente informado das diligências diplomáticas que o Governo tem obrigação de fazer em defesa dos direitos da humanidade, em Moçambique. Nem mais um escudo deverá ir para Cabora-Bassa, até que a ameaça da perseguição religiosa cesse em Moçambique. Em vez da solidariedade abstracta com Moçambique, a solidariedade concreta com os cristãos moçambicanos!

Acerca do aborto

O Episcopado brasileiro exprimiu o seu pleno consenso a um documento de condenação do aborto, assinado por um numeroso grupo de médicos do País. O texto que define o aborto um verdadeiro homicídio de seres indefesos, está em total oposição às várias petições para mitigar a legislação vigente sobre a matéria.

Movimento da Conferência

De Setembro a Novembro

O que nos deram:

Donativo	1 000\$00
Cotas	470\$00
Colectas	62\$50
S. Família	127\$50
Mealheiro da Celulose	50\$00
Peditório	220\$00
Oferta de Natal	40\$00

Despesa:

Um donativo	220\$00
-----------------------	---------

* * *

Começámos o nosso Natal em Novembro, com as ordens de podermos distribuir as roupas e loiças que foram da então nossa colónia de férias das crianças mais necessitadas da freguesia. Cada um de nós ficou de ver onde cada uma daquelas coisas fariam mais jeito. Não foi difícil a escolha ainda são alguns dos mesmos de sempre. Os nos-

sos velhinhos, o nosso lemente, a nossa parálitica. E sentimos um certo consolo com o aconchego que dar com aqueles pequeninos, lençóis, guardanapos.

E então veio a pergunta certa ante a pergunta do nosso organizador da colónia — o que cada um de nós tinha a dizer daquela estadia. Respeito, amor e compreensão. Cada um pôs a render os seus valores sem nos importarmos qual era o maior ou o mais insignificante. E' assim a nossa Conferência.

* * *

E já não faz parte do nosso grupo a ti Pistola. Alcinha porque era conhecida esta nossa assistida desde a 1.ª hora.

Teremos missa por sua alma em data ainda não fixada.

Palavras de Voltaire:

«Quando se trata de combater a Igreja, não basta mentir uma vez ou outra; é preciso mentir sempre, mentir como um demónio. Menti, menti, meus amigos, menti sempre, que da mentira sempre alguma coisa fica.»

Estratégia hoje seguida à risca por quantos desejam demolir pessoas ou instituições.

Armam uma campanha. Desencaixam boataria. Inventam. Mentem. Caluniam. Enxovalham. Difamam.

E há quem os aceite.

D. M.

Novembro - Dezembro — 1975 Publicação Mensal Avenço

Jaci
e Cacia-